

# Bush não encontra tempo na agenda para receber Sarney

Arq

Rosental Calmon Alves

Correspondente

JORNAL DO BRASIL

WASHINGTON — Está causando um indifereçável mal-estar nas relações diplomáticas entre o Brasil e os Estados Unidos o fato de a Casa Branca não ter concedido uma audiência formal do presidente George Bush ao presidente José Sarney, aproveitando a visita que o chefe de Estado brasileiro fará a Nova Iorque no sábado. A solicitação foi feita; há várias semanas, e até hoje a resposta tem sido a de que está havendo dificuldades na apertada agenda de Bush, na qual houve lugar, no entanto, para encontros com outros presidentes latino-americanos, na mesma ocasião.

O presidente José Sarney irá a Nova Iorque para discursar na sessão de abertura da Assembléia Geral das Nações Unidas. Cabe ao Brasil, por tradição, o primeiro discurso e Sarney quer, aparentemente, aproveitar a oportunidade para se despedir do cenário internacional. O governo queria usar a ocasião também para uma reunião de trabalho entre Sarney e Bush, uma continuação do breve encontro que eles tiveram, meses atrás, no Japão, onde ambos tinham ido assistir aos funerais do imperador Hiroito.

**Com os outros** — Bush também vai estar em Nova Iorque para o seu primeiro discurso na ONU, na qualidade de presidente dos Estados Unidos. Ele já serviu ali, como embaixador de seu país, no início da década de 70, durante a administração Nixon. Lá mesmo, a Casa Branca já concordou com uma reunião de Bush com outro presidente latino-americano, que também discursará na sessão de abertura da assembléia: Carlos Andrés Perez, da Venezuela.

O presidente da Argentina, Carlos Menem, que também vai fazer um discurso na ONU, obteve algo ainda mais formal: uma esticada a Washington, para pelo menos uma reunião de trabalho com o presidente Bush, numa viagem oficial, sem se configurar numa protocolar visita de Estado. Era exatamente isso o que o Itamarati e o Palácio do Planalto estavam tentando articular para Sarney. Não sendo possível, ficariam satisfeitos com uma reunião em Nova Iorque.

**Mais sorte** — Na semana passada, o presidente do Uruguai, Julio Sanguinetti, também teve mais sorte que Sarney. Ao passar pelos Estados Unidos, na viagem de volta de uma visita à China, o presidente uruguaio, que está em fim de mandato como o seu colega brasileiro foi recebido na Casa Branca: Bush conversou com ele na sexta-feira durante uma hora e cinco minutos.

Funcionários americanos consultados ontem procuraram evitar comentários sobre a questão e disseram que não havia ainda nenhuma decisão final. Disseram que a agenda do presidente está muito apertada, mas que, embora não esteja prevista nenhuma audiência formal, "os dois presidentes terão oportunidades de conversar em Nova Iorque". Na realidade, o que está previsto é que eles se vejam num evento social: Bush oferece uma recepção aos participantes da Assembléia Geral, para a qual Sarney foi convidado.

Diante da inevitável comparação com o caso dos outros presidentes latino-americanos que estão para ser recebidos na mesma ocasião por Bush, um funcionário do governo americano reagiu com o seguinte comentário: "O Brasil é, sem dúvida, um dos países mais importantes da América Latina, mas o Sarney não está começando sua administração. Está terminando. Queremos continuar as boas relações com o Brasil, mas se o tempo (do presidente Bush) é limitado seria mais lógico que ele se encontrasse com os outros (presidentes latino-americanos) que vão ficar mais anos no governo".

Funcionários brasileiros também evitaram comentar ontem essa situação. Um deles disse, contudo, que, de qualquer maneira, Sarney verá Bush em Nova Iorque e que o fato de ele estar saindo não deveria nunca afetar o julgamento dos americanos sobre a necessidade de uma reunião entre os dois presidentes. "Sarney é o presidente do Brasil até o último minuto do seu mandato. Quem apoia o processo democrático e a transição constitucional não hesitaria nunca em reconhecer isso", disse o funcionário.

Embora tenha durado apenas cerca de 20 minutos, o encontro de Sarney com Bush, em Tóquio, teve alguns resultados práticos, como uma viagem do secretário-geral do Itamarati, Paulo Tarso Flecha de Lima, a Washington, e o início de uma certa distensão nas complicadas relações comerciais e financeiras entre os dois países. A intenção de Brasília, ao pedir a nova audiência com Bush, era a de dar continuidade ao diálogo entre os dois presidentes, num momento em que o país vive uma situação crítica em matéria de balanço de pagamentos e um histórico processo eleitoral. Não faltaria assunto para a agenda e Sarney daria um conteúdo prático mais importante a sua viagem a Nova Iorque.